

Traços de tempo e aspecto e subespecificação morfológica do auxiliar “ir” em construções no futuro do presente e no futuro do pretérito

Features of tense and aspect and morphological underspecification of the auxiliary “ir” in constructions in the future tense and in the future in the past tense

Alex de Britto Rodrigues
Universidade Federal do Paraná

Resumo

Tendo por base teórica a Morfologia Distribuída, este trabalho investiga os traços de tempo e aspecto relacionados ao verbo “ir” auxiliar, considerando que esse auxiliar e o verbo pleno “ir” compartilham o mesmo item de vocabulário. Primeiramente, são levantados os tipos de ocorrência em que o verbo “ir” aparece seguido de infinitivo. Posteriormente, são selecionadas dessas ocorrências apenas as que apresentam o verbo “ir” auxiliar, a fim de pesquisar as condições para seu funcionamento e descrever quais traços relacionados ao sistema temporal (traços de tempo e aspecto) são contidos nele. Para guiar as interpretações relacionadas ao sistema temporal do português, foi usado o sistema temporal proposto por Klein (1994), que contribuiu para os traços de tempo e aspecto serem encontrados.

Palavras-Chave

Auxiliar “ir”, Tempo, Morfologia Distribuída.

Abstract

Based on Distributed Morphology Theory, this paper approaches the tense and aspect features related to the auxiliary verb “ir” in Brazilian Portuguese. The hypothesis followed in the present work is that this auxiliary and the lexical verb “ir” share the same Vocabulary Item. First, the occurrences in which the verb “ir” is followed by the infinitive are described. Later, only the occurrences with the auxiliary verb are selected in order to investigate the conditions of its functioning and to describe what features related to the temporal system (tense and aspect features) are contained in it. The proposal put forward by Klein (1994) was used as the basis for interpreting the temporal system of Portuguese and for describing its tense and aspect features.

Keywords

Auxiliary “ir”, Tense, Distributed Morphology.

1. Introdução

O verbo “ir”, como auxiliar em português do Brasil, já foi assunto de diversos trabalhos (cf. ALMEIDA, 2009; SOUZA, 2009; OLIVEIRA, 2006). Tais trabalhos, em sua maioria, tratam desse auxiliar em fenômenos de gramaticalização ou de variação sociolinguística, havendo muito o que se dizer sobre seu funcionamento fora desses âmbitos. Analisando a sequência “ir + infinitivo”, vemos que ela não ocorre apenas com a leitura de futuro, quando o verbo “ir” está no presente, mas também com o verbo “ir” em diversas outras formas de seu paradigma flexional. Assim, é necessário investigar se é apenas na sequência “ir + infinitivo”, com leitura de futuro, que “ir” funciona como auxiliar. Com as ocorrências do auxiliar postas, podemos caracterizar seu funcionamento dentro de uma perspectiva morfológica, buscando verificar quais traços esse auxiliar contém.

Tendo por base teórica a Morfologia Distribuída, cuja contribuição para este texto será mais bem exposta adiante, podemos afirmar que o verbo pleno “ir” e o verbo auxiliar “ir” são instâncias do mesmo *item de vocabulário*, o que captura uma generalização importante que se perde se dizemos que são simplesmente itens lexicais distintos. Sendo os itens de vocabulário unidades subespecificadas, eles podem conter uma raiz ou diferentes traços sintático-semânticos. Desse modo, os itens de vocabulário correspondentes ao auxiliar “ir” e suas formas flexionais são os mesmos encontrados em algumas formas flexionais do verbo pleno “ir”; a diferença residiria no fato de que certas formas ocorrem em um ambiente morfossintático ou em outro, ou seja, uma mesma forma pode ora corresponder ao auxiliar, ora ao verbo pleno.

Primeiramente, serão analisadas as ocorrências do verbo “ir” seguido de infinitivo, o que corresponde a uma configuração de predicado complexo em que há uma sequência verbal na estrutura de superfície (FERREIRA, 2009). Entre essas ocorrências, serão isoladas, por meio de alguns testes, aquelas que apresentam o auxiliar de modo que as suas características possam ser verificadas. A partir

disso, será buscado identificar algumas características dessas ocorrências que as especifiquem como auxiliar, a saber, a realização de núcleos funcionais e a realização de traços relacionados ao sistema temporal (tempo e aspecto).

Na terceira seção, para analisar as leituras dessas ocorrências no que concerne ao tempo e ao aspecto, será utilizado o sistema de Klein (1994). Posteriormente, será possível chegar aos traços de tempo e aspecto contidos no auxiliar. Na quarta seção, será proposto um tratamento para o verbo “ir” dentro da perspectiva da Morfologia Distribuída.

2. Auxiliar “ir”

Esta seção pretende mostrar quais formas flexionais de “ir”, na sequência “ir + infinitivo”, correspondem ao auxiliar. Além de isolar as ocorrências do auxiliar, essa tarefa nos permite fazer, posteriormente, generalizações, verificando, por exemplo, se há alguma recorrência no conjunto de traços contidos nelas. Para isso, serão aplicados alguns testes que permitam distinguir claramente quais ocorrências são do auxiliar e quais não são. Conforme pode ser verificado, a sequência referida aparece, pelo menos, nas configurações dos exemplos a seguir:¹

1. João vai / irá comer; vai nadar; vai trabalhar. (futuro do presente)
2. João ia / iria² comer; iria nadar; iria trabalhar. (futuro do pretérito)
3. João foi comer; foi nadar; foi trabalhar. (passado perfeito)
4. João ia comer todo dia na casa do tio; ia nadar todo dia no clube; ia trabalhar todo dia no jardim. (passado imperfeito)³

Entendendo que o auxiliar, diferentemente de um verbo pleno, não seleciona argumentos de modo a atribuir-lhes papel temático, podemos fazer uma primeira verificação. Em 1 e 2, os argumentos não são selecionados por “ir”, e sim por “comer”; portanto, é do verbo “comer” que “João” recebe papel temático.

Em 3 e 4, “comer” também atribuiria papel temático a “João”, porém, nessas sentenças, há uma ideia de movimento, decorrente da presença do verbo “ir”, e haveria o problema de este também atribuir papel temático para um argumento que já tem papel recebido de “comer”. Em 3, imaginando uma situação em que um sujeito chega a algum lugar esperando encontrar João, mas não o encontra, esse sujeito pergunta para um terceiro que estava no lugar: “onde

está João?” Essa terceira pessoa responde: “João foi comer; foi nadar; foi trabalhar.” Ou seja, João se movimentou; saiu daquele lugar para comer, nadar ou trabalhar. Em 4, podemos imaginar uma situação em que João se deslocava (todo dia) para a casa de seu tio para comer. Nesse sentido, tanto em 3 como em 4, “João” teria um papel temático de tema atribuído por “ir”, já que “João” é a entidade que muda de lugar.

Porém, um mesmo argumento não poderia receber papel temático de dois verbos, e cada argumento é selecionado por um único verbo. Assim, alguma categoria vazia (ec) correferente de “João” deve receber papel do verbo encaixado, enquanto “João” recebe do verbo matriz. Temos argumentos para dizer que essa ec é um PRO: em 3 (“João foi PRO comer”), por exemplo, os verbos “ir” e “comer” atribuem papéis temáticos diferentes, sendo necessários argumentos para cada um; portanto, a ec tem papel independente, atribuído por “comer”.

Podemos também verificar por outros meios quando “ir” corresponde a auxiliar e quando corresponde a verbo pleno. Recorramos a um teste de auxiliaridade, utilizado por Schmitt (2000, p. 81), envolvendo uma sequência de pergunta e resposta. Nessa sequência, o verbo presente não funciona como auxiliar. Vejamos alguns exemplos:

5. a) O que João quer?
b) João quer comer.
6. a) Aonde João vai?
b) João vai morrer.

Note-se que em 6a, a única leitura de “ir” (que exhibe a forma “vai”) é de verbo de movimento, e não de auxiliar, e, nesse caso, a resposta em 6b se torna inconsistente.⁴ Vejamos a aplicação desse teste nos tipos de sequência postos mais acima:

7. a) Aonde João vai?
b) João vai comer.
8. a) Aonde João iria?
b) João iria nadar.
9. a) Aonde João foi?
b) João foi trabalhar.

10. a) Aonde João ia (todo dia)?
b) João ia comer (todo dia na casa do tio).

Como podemos notar, em 9 e 10, a sequência pergunta / resposta é consistente, ao passo que em 7 e 8 a sequência não é totalmente aceita.⁵ Isso sugere que em 7 e 8 temos a presença de auxiliares. Notemos também que em 9 e 10, em que haveria o verbo pleno “ir”, e não o auxiliar, existe a ideia de movimento, inexistente na leitura de “vai + infinitivo” e de “iria + infinitivo”.

Outro teste possível seria pensar em sentenças com outros tipos de argumentos, incompatíveis quando o verbo, sendo pleno, não os seleciona:

11. As maçãs vão apodrecer. (futuro do presente)
12. As maçãs iriam apodrecer. (futuro do pretérito)
13. *As maçãs foram apodrecer. (passado perfeito)
14. *As maçãs iam apodrecer (todo dia na caixa).⁶ (passado imperfeito)

Nota-se que em 13 e 14, “as maçãs” receberia um papel temático de tema afetado por movimento. Como “as maçãs” é incompatível com esse papel (maçã é algo inanimado, com exceção, claro, de casos de personificação), as sentenças 13 e 14 são inaceitáveis. O contrário ocorre com 11 e 12, já que nessas sentenças “ir”, auxiliar, não seleciona argumentos, não havendo, assim, a restrição que há em 13 e 14.⁷

Na variedade de testes de auxiliaridade, nem todos funcionam de maneira totalmente satisfatória; por isso, é considerado um número razoável de testes de modo a buscar maior segurança no resultado. Porém, essa verificação, breve, foi útil e suficiente, aqui, apenas para isolar as ocorrências com auxiliar, sem o intuito de desenvolver um número extensivo de testes ou detalhar exaustivamente as sequências de “ir” + infinitivo. Nota-se ainda que não estamos afirmando que as formas apontadas como auxiliar (presente e futuro do pretérito) funcionam exclusivamente como auxiliares, e sim que apenas essas formas do verbo “ir” podem funcionar como auxiliar.

O objetivo agora é focar nas duas ocorrências como auxiliar (futuro do presente e futuro do pretérito), buscando caracterizar melhor o funcionamento delas, sobretudo no que diz respeito ao sistema temporal.

3. Sistema temporal e o auxiliar “ir”

Klein (1994) propõe um sistema que permite analisar os tempos expressos pelas línguas e a relação deles com o aspecto gramatical. Como será visto, além de ser capaz de abranger o aspecto, esse sistema tem a vantagem de ser simples e claro.

Antes de expor seu sistema, Klein parte da ideia de Reichenbach (1947,⁸ *apud* KLEIN, 1994) relacionada aos três pontos temporais. Esses pontos são: o tempo da fala (S, de *speech*), o tempo do evento (E) e o tempo de referência (R). Os dois primeiros são intuitivos: S é o tempo em que a sentença é enunciada, e E é o tempo em que aquilo que o verbo expressa ocorre. De acordo com Klein, Reichenbach não define R, mas diz que esse terceiro ponto temporal é necessário para distinguir, por exemplo, o pretérito perfeito do pretérito mais-que-perfeito. Assim, pelo sistema de Reichenbach, temos:

Presente: (S, E) e (R, E) – S coincide com E, R coincide com E.

Passado: (R_S) e (R, E) – R precede S, R coincide com E.

Futuro: (S_R) e (R, E) – S precede R, R coincide com E.

Mais-que-perfeito: (R_S) e (E_R) – R precede S, E precede R.

Present perfect: (S, R) e (E_R) – S coincide com R e E precede R.

Percebendo que esse sistema considera pontos, e não “porções de tempo” (*time spans*), e que não permite incluir as noções de aspecto, Klein elabora outro sistema, em que substitui as noções de Reichenbach pelas seguintes: TSit (*situation time*, substituindo o E), TU (*time of utterance*, substituindo S) e TT (*topic time*, substituindo R). Por esse sistema, as noções de tempo envolvem apenas TT e TU (sendo TSit utilizado para definir aspecto):

Presente: TU, TT (TU coincide com TT)

Passado: TT_TU (TT precede TU)

Futuro: TU_TT (TU precede TT)

Ao contrário do que se pode pensar, um tempo como o passado, por exemplo, não se define simplesmente por uma situação ter ocorrido no passado. O tempo da situação (TSit), relacionado ao conteúdo lexical do verbo, pode se estender até o presente e o futuro, por exemplo, sendo o passado, desse modo,

um “recorte” que o falante faz (TT) que precede o tempo de fala (TU). Desse modo, em “João nadava”, a situação de “nadar” *pode* se estender para o presente e para o futuro, ou seja, a flexão de passado relaciona-se a um recorte temporal (TT) que apenas assegura que a situação tenha ocorrido no passado, sem garantia de que *só* tenha ocorrido no passado.

Já o aspecto é definido pela relação entre TT e TSit. Essa relação pode ocorrer de três tipos: TT totalmente incluso em TSit (TT INCL TSit), TT parcialmente incluso em TSit (TT AT TSit) e TT excluído de TSit (TT EXT Sit). Desse modo, temos:

TT INCL TSit:

Pré-tempo ----[---]----- pós-tempo

Em que --- representa o tempo em que o conteúdo lexical é desenvolvido, o TSit; e [] representa o intervalo de tempo “recortado”, selecionado pelo falante, que é o TT. Um exemplo de uma sentença que representa essa situação:

15. Havia um livro na mesa ontem.

Nesse caso, o livro estar na mesa não precisa corresponder somente ao tempo de “ontem”. Poderia estar na mesa desde um dia antes e continuar na mesa hoje, por exemplo; o período “ontem”, correspondente ao TT ([]), então, estaria dentro do período de TSit. O aspecto correspondente a essa situação é o *imperfectivo*. As noções “pré-tempo” e “pós-tempo” ficarão mais claras quando os outros aspectos forem abordados.

TT AT TSit:

Pré-tempo [---]----- pós-tempo

Pré-tempo -----[----] pós-tempo

Pré-tempo [-----] pós-tempo

Essas são as combinações logicamente possíveis referentes a TT AT TSit, o que não significa que as três sejam encontradas. Em português, pelo menos a primeira é. Por exemplo:

16. Maria quebrou o vidro.

Essa sentença pressupõe dois momentos: um, em que o vidro não estava quebrado (pré-tempo); e outro, quando ele foi quebrado por Maria (pós-tempo). Assim, o TT seleciona um intervalo de tempo correspondente a dois estados: pré-tempo [---]----- pós-tempo. Essa seleção posta pelo TT corresponde ao aspecto *perfectivo*. Nota-se que, nesse caso, o pós-tempo é visível pelo TT, ao contrário do que acontece com o aspecto *imperfectivo*, que deixa visível apenas um estado de conteúdo.

Para deixar a diferença entre *imperfectivo* e *perfectivo* mais clara, analisemos os seguintes exemplos:

17. Maria é bonita. ---[-----]---

18. Maria foi bonita. ---[---]

19. Maria era bonita. ---[-----]---

20. Maria nadou. ---[---]

21. Maria nadava. ---[-----]---

O conteúdo de “é bonita”, em 17, não especifica um começo e um término, ou seja, “ser bonita” é uma propriedade de Maria, e não há a interpretação de que é previsto ela deixar de ter ou de que ela passou a ter tal propriedade em algum momento. Logo, TT não pode selecionar algum extremo temporal de TSit (“ser bonita”) com um pré-tempo ou pós-tempo; assim, o único aspecto possível é o *imperfectivo*. Já em 18, TT seleciona dois estados, um em que Maria era bonita e outro em que ela não era mais, indicando o aspecto *perfectivo*. Em 19, o tempo é o passado (TT_TU), assim como em 18, porém, diferentemente de 18, 19 não indica *perfectivo*, pois TT está contido em TSit, ou seja, TT não seleciona algum tempo além do contido em TSit, não indicando, assim, que Maria deixou de ser bonita (ela pode deixar de ser bonita no presente, mas isso não é indicado, pois é possível dizer que ela era e continua sendo bonita).

Em 20, o verbo “nadar” não especifica um início e um término, mas há a possibilidade de um início e de um término, o que permite a presença de adjuntos como “das 3h às 4h”. Isso significa que pode ter havido um momento em que Maria começou a nadar e um em que Maria parou de nadar, porém, na flexão em que o verbo se encontra, só é indicado que Maria parou de nadar. Já em 21, TT está contido em TSit, não indicando, naquele tempo selecionado por TT, outra situação diferente de Maria nadar (não indica Maria começando ou parando de nadar).⁹

Deixando mais claro, imaginemos uma situação em que João vá até perto da piscina e observe, das 3h10min às 3h30min (considerando que Maria nadou das 3h às 4h), Maria nadando. Se perguntado sobre o que Maria fazia, ele poderia responder: “Maria estava nadando” ou “Maria nadava”, mas nunca “Maria nadou”, sendo que ele não poderia saber se ela parou de nadar. Mas caso ele estivesse observando no período entre 3h30min e 4h30min, ele poderia responder: “Maria nadou”, já que ele tem condição de saber que Maria acabou de nadar.

TT EX TSit:

O terceiro tipo corresponde a dois aspectos: o perfeito e o prospectivo.

Perfeito:

Pré-tempo ----- [] pós-tempo

Como podemos notar, no perfeito o TT encontra-se totalmente no pós-tempo. Vejamos a sentença:

22. Maria tinha quebrado o vidro.

Nesse exemplo, “tinha” marca TT no passado (TT_TU) e, nesse momento, o ato realizado por Maria de quebrar o vidro já havia acabado, ou seja, TT encontra-se depois de TSit ([] inteiramente depois de -----).¹⁰

Prospectivo:

Pré-tempo [] ----- pós-tempo

Esse aspecto se define pela localização do TT inteiramente no pré-tempo. Normalmente, ele é associado ao futuro (e por isso ele será mais detalhado aqui), mas nem sempre corresponde a esse tempo. Costuma haver dúvida sobre sua ocorrência, justamente porque nem sempre é possível determinar se uma estrutura corresponde a tal aspecto ou se se relaciona ao futuro apenas. Klein (1994, p. 115) comenta o caso de “*to be going to*”, do inglês, que parece indicar o prospectivo em sentenças como *Mary is going to die*. Nesse exemplo, TT coincidiria com o tempo de fala (TU), ou seja, o tempo seria o presente, marcado por *is*. Estando TT no presente, considerando a interpretação da sentença como algo do tipo “Mary está, no momento presente, em uma situação em que ela se encaminha para morrer” e notando que “Mary morrer” (TSit) ocorre depois de TT, teríamos o tempo presente e o aspecto prospectivo.

Porém, Klein (1994, p. 116) comenta a possibilidade de “*is going to*” relacionar-se ao TT depois de TU, indicando o futuro, sem prospectivo. Para verificar a possibilidade dessa interpretação, o autor busca o caso em que o auxiliar, que carrega TT, seja flexionado em outro tempo, a fim de não haver confusão com o futuro. Chega à sentença *Socrates was going to die*. Nesse exemplo, não há dúvida de que existe o aspecto prospectivo. Nota-se que *was* carrega TT, que está antes de TU (TT_TU, passado), e o TSit (Sócrates morrer) ocorre depois de TT, mas isso não significa que “Sócrates morrer” localiza-se também antes de TU, já que ele poderia morrer em TU ou depois de TU, embora a interpretação mais comum aponte para a morte de Sócrates (TSit) também antes de TU (o fato de Sócrates ter morrido aconteceu antes do tempo presente).

Se “*is going to*” for um caso de prospectivo, em uma sentença como *Mary is going to die tomorrow, tomorrow* estaria associado apenas a TSit, mesmo que, como autor aponta posteriormente, esse tipo de expressão adverbial costume se associar ao TT. Essa demonstração não é necessária, nem possível, para o auxiliar *will*, já que, em uma sentença como *Mary will die*, não é plausível a interpretação de que “Mary está *agora* em um situação que a levará à morte”, ou seja, não é plausível dizer que a sentença está no presente e seu aspecto esteja no prospectivo, sendo que *will* apenas carrega TT, e este se localiza depois de TU, configurando apenas o futuro, não o aspecto prospectivo. Posteriormente, tentaremos responder qual o aspecto para construções de futuro.

Em português, em relação ao auxiliar “ir”, poderia ser feito um questionamento semelhante, com respeito a uma possível confusão entre futuro e prospectivo. Em “João vai comer”, seria possível pensar que há o aspecto prospectivo, o que justificaria a flexão no presente, e que o tempo correspondente a “João comer” (TSit) ocorreria depois de TT, conforme o aspecto citado. Disso ocorreria a impressão, que não corresponderia ao sistema de Klein, de que a sentença está no futuro, quando estaria apenas no prospectivo, com o tempo no presente. Porém, além de isso ser contraintuitivo, a ideia da presença do aspecto prospectivo (com o tempo presente), como será visto na sequência, em vez do tempo futuro, não parece se sustentar. Vejamos o exemplo 23, para melhor verificar esse ponto:

23. “Amanhã, João vai comer”

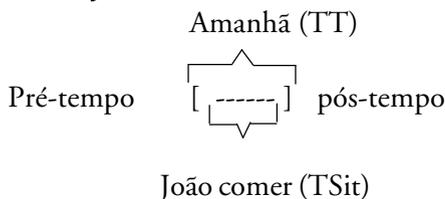
Nesse exemplo, a expressão adverbial “amanhã” parece estar associada ao TT,¹¹ que está localizado depois de TU, caracterizando o futuro. Assim, poderia

ser dito que “Amanhã, João vai comer”, assim como “Amanhã, João irá comer”, carregam o mesmo tempo de “Amanhã, João comerá”¹² (TU_TT), não havendo a relação TT_TSit, pois não há nada que indique o fato de “João comer” depois do momento selecionado em TT.

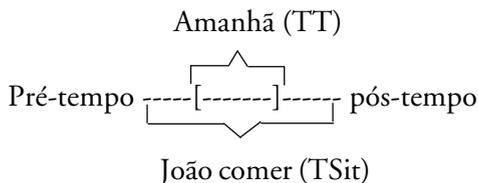
Se em 23 o tempo representado é o futuro, torna-se difícil saber qual o aspecto. Em “Amanhã, João vai comer”, as interpretações disponíveis correspondem a aspectos do tipo perfectivo e imperfectivo. Notemos que, para o aspecto perfeito, somente seria possível uma sentença do tipo “Amanhã, João vai ter comido”, sendo que “vai” marcaria apenas o tempo futuro, enquanto o aspecto perfeito seria marcado pela presença do participio, licenciado pelo auxiliar “ter”. Esse último exemplo mostra que o item “vai” pode conter o traço de tempo sem o de aspecto, sendo este marcado em outro lugar. Quando o aspecto perfeito não é licenciado, é preciso verificar qual é o aspecto e se é o auxiliar que contém o traço de aspecto.

A interpretação possível para “Amanhã, João vai comer” indica o aspecto perfectivo, em contraste com “Amanhã, João vai estar comendo”, que indica o imperfectivo progressivo.

24. Amanhã, João vai comer.



25. Amanhã, João vai estar comendo.



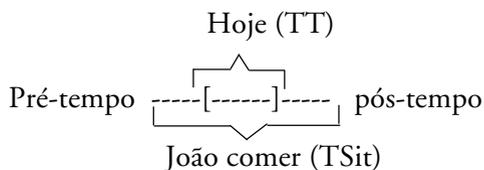
Nessa análise, o aspecto imperfectivo, pelo menos relacionado ao progressivo, assim como o perfeito, não são marcados em “vai”; quando a construção é imperfectiva, esse auxiliar, novamente, só pode marcar tempo, já que o aspecto é marcado com a presença de estar + gerúndio.

Portanto, quando não há nenhuma estrutura que carregue o aspecto perfeito (ter + particípio) e nenhuma que carregue o imperfeito (como estar + gerúndio), a leitura da sentença no futuro com “ir + infinitivo” seria de aspecto perfectivo, como mostra a representação em 24.

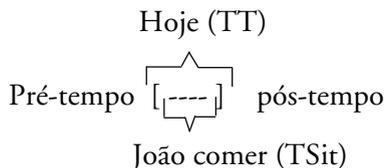
3.1 Futuro do pretérito

Para o futuro do pretérito, as mesmas observações valeriam. Vejamos alguns exemplos:

26. Ontem João não sabia que hoje iria estar comendo.



27. Ontem João não sabia que hoje iria comer.



Adaptando para o português os exemplos que Klein (1994, p. 133)¹² utiliza para comparar o futuro do presente com o futuro do pretérito, teríamos:

28. Nasceu o menino que será rei. / Nasceu o menino que vai ser rei

29. Nasceu o menino que seria rei. / Nasceu o menino que iria ser rei.

Em 28, tanto a flexão em “será” como o auxiliar “vai” carregam TT, e este se localiza depois de TU, caracterizando o futuro. O fato de a oração “que será rei / que vai ser rei” estar subordinada não influencia em nada a marcação temporal, sendo TT definido por TU, o que equivale a dizer que a relação temporal é dêitica (determinada a partir do tempo da fala).

Já em 29, Klein observa que TSit localiza-se depois de TT, sendo este marcado pela oração principal. Klein não se aprofunda nessa discussão, apenas

se limitando a dizer que esse é um caso de determinação temporal anafórica e não dêitica, mas que a natureza dêitica da relação temporal está salva, pois TT, de todo modo, é definido a partir do contexto. Porém, observa-se que, em relação à oração subordinada, o autor não fala de outro TT, apenas do TT da principal, comentando, como dito, que “o menino ser rei” (TSit) se localiza depois desse TT marcado na principal. Atendo-nos ao sistema do autor, podemos tornar essas observações mais claras.

Na realidade, temos dois eventos, ou seja, dois TSit. O primeiro corresponde ao “menino nascer”. Esse TSit se relaciona com o TU e com o TT marcado pela flexão em “nasceu”. Temos, assim, a relação dos três parâmetros do sistema de Klein. O segundo TSit corresponde a “o menino ser rei”, e a flexão em “seria”, assim como o auxiliar “iria”, carrega TT; mas, em vez de esse TT ser definido deiticamente (TU), é definido por outro TT, dado anteriormente, isto é, é definido anaforicamente, como diz Klein. Isso significa que a oração subordinada¹⁴ utiliza o primeiro TT como se este fosse TU, já que, a partir desse TT, determina TSit e seu TT. Nesse sentido, temos:

- | | | |
|-----|-------------------------------------|--|
| 30. | Nasceu o menino
TT1_TU (passado) | que vai ser rei
TU_TT2 (futuro) |
| 31. | Nasceu o menino
TT1_TU (passado) | que iria ser rei.
TT1_TT2 (futuro do pretérito) |

Desse modo, podemos perceber que TU em relação à subordinada em 30, e TT1 em relação à subordinada em 31 compartilham a característica de serem a base da relação temporal dessas subordinadas. Isso justifica unirmos esses dois tempos (TT1 e TU), para as estruturas apresentadas na segunda coluna, em uma classificação que os considere como contextuais (um é dêitico e o outro é anafórico). Faremos isso indo além das considerações de Klein, mas nos mantendo coerentes com seu sistema. Essa classificação poderia ser designada como Tempo Contextual (TC), subjacente ao TU (TCd, em que “d” seria de “dêitico”) e ao TT anafórico (TCa, em que “a” seria de “anafórico”). Assim, evita-se confusão entre o TT que serve de base para os outros elementos do sistema (ou seja, o TT que possui a função de um TU) e outros TTs. Teríamos, então:

- | | | |
|-----|-------------------------------------|-------------------------------------|
| 32. | Nasceu o menino
TT1_TU (passado) | que vai ser rei
TCd_TT2 (futuro) |
|-----|-------------------------------------|-------------------------------------|

33. Nasceu o menino que iria ser rei.
 TT1_TU (passado) TCa_TT2 (futuro do pretérito)

Com isso, unificamos os dois futuros. Nos dois casos, os TTs localizam-se depois de TC (assim como o futuro simples havia sido caracterizado, antes dessa unificação, por TT estar depois de TU). Nota-se que, no futuro do pretérito, não é determinado se TSit localiza-se antes ou depois de TU (o menino pode ser rei antes do tempo de fala ou depois), ou seja, a única relação temporal de TSit (ser rei), assim como no caso do futuro simples, é de suceder TC. Observemos que o que define o tempo futuro (do presente ou do pretérito) é TT sucedendo TC, como já dito, mas, nos exemplos dados, TSit também acaba sucedendo TC, sendo este TC (d ou a) correspondente ao TU da principal (o menino só poderia ser rei algum tempo depois de nascer). Com os dois futuros unificados em uma só análise, consideraremos Futuro uma classificação abarcando o Futuro 1 (do presente) e o Futuro 2 (do pretérito),¹⁵ por meio da consideração de que TU ou TT anafórico (com função de estabelecer os parâmetros TSit e TT propriamente dito) são superclassificados da mesma maneira: TC.

4. Morfologia Distribuída e o auxiliar “ir”

Seguindo o arcabouço teórico da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993), abordaremos o auxiliar “ir”, buscando mostrar a quais traços do sistema temporal do português ele se relaciona. De acordo com esse modelo, há um conjunto de traços semântico-sintáticos que as línguas selecionam e organizam. Os conjuntos de traços selecionados e agrupados podem ter uma contraparte fonológica, o que corresponde aos itens de vocabulário. Tais itens só são inseridos na sentença depois de esta ter sido formada “abstratamente”, ou seja, depois de os traços agrupados terem sido combinados com as raízes, permitindo a formação das sentenças e das palavras. Assim, o que corresponde ao sintático-semântico é tratado separadamente do que corresponde ao fonológico.

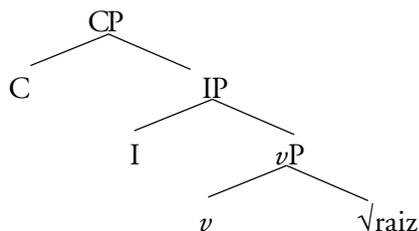
Os itens de vocabulário são subespecificados, podendo, os mesmos itens, ser contraparte de diferentes agrupamentos. Assim, podemos dizer que um item como “vai” é subespecificado, podendo ocorrer em um contexto em que funciona como auxiliar e em um contexto em que funciona como verbo pleno. Isso equivale a dizer que as duas ocorrências de “vai” não compartilham todos os traços:

enquanto em um contexto “vai” contém raiz,¹⁶ em outro contém traços correspondentes a um núcleo I.

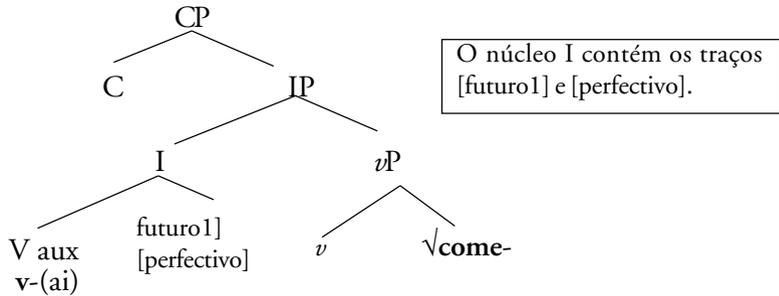
Outro conceito com que a morfologia distribuída trabalha é o de Enciclopédia, que consiste na relação entre as raízes e seus significados, isto é, entre o linguístico e o extralinguístico. Os auxiliares (como o “ir” correspondente aos dois futuros) são realizações de traços flexionais, não tendo, portanto, significado enciclopédico, contendo, apenas, traços sintático-semânticos abstratos. A forma de “verbos” que os auxiliares possuem ocorre apenas porque os traços de tempo (e possivelmente de aspecto) exigem uma realização fonológica, e essa realização ocorre por meio de inserção de um item de vocabulário, correspondente ao auxiliar, ou seja, o auxiliar é uma exigência morfológica somente, não tendo leitura eventiva como um verbo pleno (possuidor de raiz e de um verbalizador *v*).

Como foi visto anteriormente, os dois futuros podem coocorrer com o aspecto perfeito e com o imperfeito, sendo esses dois aspectos marcados em locais diferentes. Isso mostra que o item de vocabulário “ir”, em contextos de auxiliar, marca de modo garantido apenas tempo. Considerando uma sentença sem as estruturas responsáveis pela marcação de perfeito, *ter* + participípio, e pela marcação de imperfeito, *estar* + gerúndio, e partindo do pressuposto de que as ocorrências do auxiliar analisado não marcam prospectivo,¹⁷ resta lançar a hipótese de que o aspecto perfectivo está presente. Se assim o for, uma sentença como “João vai comer” teria suas estruturas sintáticas e morfológicas assim representadas:

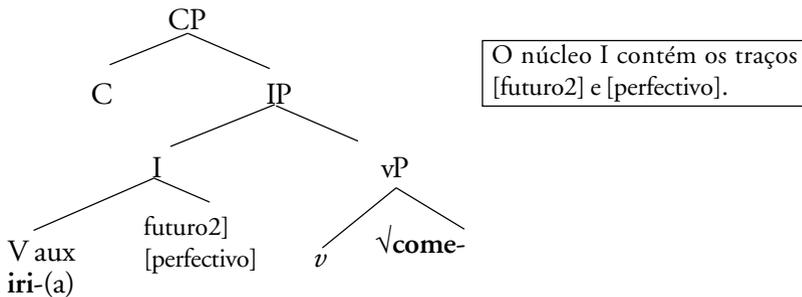
Estrutura sintática:



Estrutura morfológica e inserção dos itens de vocabulário:



A estrutura morfológica para uma sentença como “João iria comer” é semelhante:



O fato de o auxiliar selecionar sempre um infinitivo como complemento merece também atenção. Como visto, o traço de futuro estaria sempre contido nesse auxiliar; logo, ele não poderia selecionar alguma forma que contivesse traço de tempo, ainda mais porque, se contém realmente traço de tempo, ele realiza um núcleo I, que não poderia, então, ser realizado novamente no verbo selecionado como complemento. As formas correspondentes ao gerúndio e ao particípio seriam, então, outras candidatas, além do infinitivo, a serem complementos do auxiliar “ir”. Porém, sentenças como “ele vai / iria caído” e “ele vai / iria espancado” não teriam leitura com o auxiliar, como já dito quando selecionamos as únicas ocorrências de “ir” como auxiliar.

Uma resposta possível para isso é que o auxiliar “ir” é especificado para tempo (futuro) e não para aspecto, tendo como leitura *default* de aspecto o perfectivo. Sendo essa a leitura *default*, é necessário algum elemento que licencie outras leituras de aspecto. O particípio, que implica a presença do aspecto

perfeito,¹⁸ exige alguns auxiliares específicos que o licenciem (“ter” e “haver”, sem considerar leitura passivas), assim como o gerúndio implicando aspecto imperfectivo, que exige também auxiliares específicos para licenciá-lo (como “estar” e “andar”, em leituras de perífrase, e não de adjunto). Tais auxiliares licenciadores não implicam tempo, não estando incompatíveis, portanto, com o auxiliar “ir” (“João vai / iria estar nadando”, “João vai / iria ter completado a maratona antes de Pedro”).

Estaríamos assumindo, então, que há a presença de aspecto no futuro, já que há a relação entre T_{sit} e TT. Porém, ao dizermos que, para o aspecto perfectivo, o auxiliar conteria os traços de tempo e de aspecto, assumiríamos que ambos os traços seriam realizados no mesmo lugar. Isso poderia contrariar a proposta de Giorgi e Pianesi (1997), segundo a qual o princípio denominado *Feature Scattering Principle* determina que cada traço flexional projeta um núcleo I. Porém, contraria apenas a versão mais radical da proposta, conforme apresentada por Ippolito (1999), pois, para Giorgi e Pianesi (1997), cada traço flexional apenas *pode* projetar um núcleo diferente.

A versão mais radical da proposta, para o português, já havia sido contrariada por Medeiros (2008), quando esse autor mostrou que, para o pretérito perfeito simples, há um único item de vocabulário que contém os traços de tempo e aspecto. A questão é que, seguindo a arquitetura da Morfologia Distribuída, a hierarquia de traços flexionais é definida na sintaxe, com sua interpretação na forma lógica; posteriormente, na estrutura morfológica, esses traços passam por operações específicas, podendo ser reorganizados e agrupados em um único item de vocabulário. A vantagem dessa arquitetura é que ela dá conta da realização de apenas um item de vocabulário para diferentes traços correspondentes às relações entre TT e T_{Sit} e entre TT e TU.

Porém, Souza (2009) observa que alguns autores (TRAVAGLIA, 2006;¹⁹ CASTILHO, 1968²⁰) afirmam não haver aspecto quando há o tempo futuro. Travaglia (2006, p. 137, *apud* SOUZA, 2009, p. 1.488) justifica a não existência de aspecto no futuro da seguinte forma:

As razões pelas quais estes dois tempos flexionais, em si, não indicam aspecto parecem vir de duas fontes diferentes: a) em primeiro lugar, eles marcam o tempo futuro que atribui à situação uma realização virtual, até certo ponto abstrata, que enfraquece as noções aspectuais que estão sendo atualizadas, dificultando a

percepção das mesmas [sic] ou as anula; b) em segundo lugar, esses tempos têm um valor modal, proveniente de seu valor de futuro, que restringe a expressão do aspecto.

(...) não estamos dizendo que não há expressão de aspecto no futuro, (...) mas, sim, que esses tempos em si não marcam nenhum aspecto.

Para o autor, a falta de aspecto ocorre não apenas nas formas do futuro sintético em que a flexão se realiza no próprio verbo mas também nas formas com o auxiliar “ir”, ao contrário de formas compostas em que há o aspecto perfeito (ter + particípio) ou o imperfectivo (ser + gerúndio). Nota-se que, ao considerar o futuro com a flexão no verbo pleno e o futuro com o auxiliar “ir” relacionadas às mesmas condições de tempo e aspecto, o autor corrobora a ideia aqui proposta. Porém, parece estranho dizer que, por ter a situação uma realização virtual, não há aspecto para as formas mencionadas, ao mesmo tempo em que, para outras formas, que também estão no futuro, há aspecto, ou seja, em “João vai comer” não haveria aspecto, ao passo que em “João vai estar comendo” (imperfectivo) e “João vai ter comido” (perfeito) há. Se o fato de a sentença estar no futuro torna a situação virtual, e isso barra o aparecimento de aspecto, então nunca haveria aspecto no futuro; mas essas sentenças com imperfectivo e perfeito estão no futuro, e Travaglia não nega a presença de aspecto nelas.

Já o segundo argumento de Travaglia, que afirma que o valor modal restringiria o aspecto, não se sustenta se observarmos que ou um núcleo flexional pode conter diferentes traços, entre eles o de modo e o de aspecto, ou cada traço pode projetar um núcleo diferente. É válido lembrar também que o aspecto é considerado, aqui, como a relação entre TSit e TT, ou seja, se há TSit e TT, então há aspecto. De todo o modo, a intuição de Travaglia de não considerar a presença do aspecto *talvez* esteja relacionada com o fato de os itens de vocabulário relacionados ao auxiliar em questão, assim como os relacionados à flexão concatenada com o verbo pleno, serem especificados apenas para o traço [futuro], como vimos na seção 2, abordando a proposta de Klein.

É importante considerar também o motivo que restringe a leitura de auxiliar em ocorrências como 3 e 4, repetidas aqui em 34 e 35:

34. João foi comer. (passado perfectivo)

35. João ia comer todo dia na casa do tio. (passado imperfectivo)

Como vimos, “ir” como auxiliar ocorre apenas em contexto de Futuro (seja do presente ou do pretérito, que puderam ser unificados graças a suas semelhanças encontradas com base no sistema de Klein). Podemos perceber, pelo que já foi mostrado na seção 3, que o item de vocabulário relacionado a esse auxiliar é subespecificado para o traço de aspecto, contendo, obrigatoriamente, apenas o traço de tempo, mais especificamente de Futuro. Como vemos, em 34 e em 35, “foi” e “ia” necessariamente contém os traços de aspecto, impossibilitando, portanto, que o aspecto seja também marcado em outro lugar, pois não é possível a interpretação de dois traços aspectuais, sendo que cada um representa uma relação entre TT e TSit diferente:

36. *João foi estar comendo. (passado perfectivo e imperfectivo)

37. *João ia ter comido todo dia na casa do tio. (passado imperfectivo e perfeito)

Sendo assim, vemos que, em sequências do tipo “ir + infinitivo”, o verbo “ir” auxiliar tem como realização um item de vocabulário subespecificado para aspecto, ao contrário do verbo “ir” pleno, especificado para o traço perfectivo, na forma de “pretérito perfeito”, e para o traço imperfectivo, na forma de “pretérito imperfectivo”. Isso corrobora a hipótese de que a condição para o aparecimento do auxiliar “ir” é o item de vocabulário não ser especificado para o traço de aspecto, possibilitando que o traço de aspecto configure-se de diferentes modos (perfectivo, imperfectivo, perfeito), e essa condição só é alcançada em contexto de Futuro.

Conclusão

Com um tratamento unificado para os dois futuros, o futuro do presente e o futuro do pretérito, foi possível mostrar que as relações entre os parâmetros do sistema de Klein (TU, TT e TSit) são semelhantes nos dois casos. Além disso, pôde-se mostrar que os agrupamentos de traços nos itens de vocabulário relacionados ao auxiliar “ir”, marcando os dois futuros, também ocorrem de maneira semelhante.

Dizer que traços correspondentes a um núcleo I podem ser realizados ora em um auxiliar, ora em um item de vocabulário localizado depois do verbo (“vou comer / comerei”) sugere que investiguemos quais semelhanças decorrentes do mesmo agrupamento de traços (de tempo e aspecto) podemos encontrar, apesar

de o mesmo agrupamento ocorrer em lugares diferentes. Uma semelhança entre os dois tipos de realização diz respeito à presença da negação. Como mostra Miotto (1998), a negação sentencial é realizada sempre antes de verbos finitos, o que prevê que a negação precede também o auxiliar (“João não vai comer”/“João não comerá”). Esse comportamento sintático semelhante entre as duas ocorrências é matéria de outros trabalhos, que podem ter como base a proposta de Miotto (1998) baseada em Laka (1990), autor que estipula um constituinte SP que conteria a negação e que dominaria IP.

Como considerado neste trabalho, “ir” seria subespecificado, podendo ser realização ou do verbo pleno, ou do auxiliar. Porém, a questão não é tão simples, considerando que uma dessas realizações envolve uma raiz (no caso do verbo pleno). Marantz (1996, p. 16) defende que as raízes também são inseridas posteriormente, assim como os itens de vocabulário. No entanto, a Enciclopédia (a lista de significados especiais, que não possui nenhuma relação com os princípios computacionais da sintaxe) é crucial para a interpretação das raízes, ao passo que, para a interpretação dos demais itens de vocabulário, o que é crucial é a identificação dos traços do sistema computacional que alimentam a FL (esses traços não são, necessariamente, identificáveis diretamente nos itens de vocabulário, tendo que ser recuperados para ocorrer a efetivação da interpretação).

Desse modo, a interpretação de uma realização de “ir” dependeria da Enciclopédia, enquanto a outra não. Ou seja, teria que ser assumido que um mesmo item de vocabulário contém ora traços recebidos da sintaxe, ora uma raiz (que não se relaciona com a sintaxe), e adotar a noção de subespecificação – que indica a possibilidade de um item de vocabulário poder conter diferentes *traços* – seria considerado problemático, pois seria afirmado que traços e raiz estão em condições semelhantes.

No entanto, o foco deste trabalho não abrange tal discussão de modo detalhado, assim como não aborda alguns traços flexionais relacionáveis ao auxiliar, nem detalha a inserção de vocabulário do verbo “ir” (que envolveria supleção – ir / vai –, o que, para Marantz (1996), é uma evidência de que as raízes são inseridas posteriormente, já que a supleção ocorreria por motivos contextuais). Assim, há considerações e análises a serem feitas, em pesquisas futuras, em relação a esses pontos.

Notas

¹ Selecionei apenas ocorrências no modo indicativo porque o intuito aqui não é trabalhar com a variedade de traços de modo, tendo-se como foco os traços envolvidos no sistema temporal (tempo e aspecto).

² Não levarei em conta a variação entre “ia” e “iria”, correspondentes ao futuro do pretérito, e a variação entre “vai” e “irá”, correspondentes ao futuro do presente. No caso do futuro do pretérito, não abordarei a questão do uso no condicional, por ser outro o foco aqui. Utilizarei daqui em diante apenas formas do tipo “iria” para o futuro do pretérito (iria, irias, iríamos, iríeis, iriam) e “vai” para o futuro do presente (vou, vais, vai, vamos, vão, ides). Essa variação, ou aparente incompatibilidade semântico-morfológica, entre “ia” (passado imperfeito) e “iria” (futuro do pretérito) com leitura de futuro do pretérito e entre “vai” (presente) e “irá” (futuro do presente) com leitura de futuro do presente requer aprofundamento, em trabalhos com focos diferentes do aqui apresentado, que não se limitem a considerações sobre os traços de tempo e aspecto.

³ A classificação entre parênteses, neste momento, serve apenas como ponto de partida, sendo revista na próxima seção, que tratará do sistema temporal.

⁴ Para alguns falantes, a leitura seria ambígua, o que poderia indicar que “ir” como auxiliar ainda está em fase de gramaticalização. Não abordarei essa questão aqui, atento-me à leitura de “ir”, na resposta de 6, como auxiliar (que é, por acaso, a única leitura que consigo fazer).

⁵ Essas sentenças são aceitas se considerarmos algumas informações implícitas como, em 7, a de que João se locomove até algum lugar para comer e, em 8, a de que João se locomoveria até algum lugar para nadar. Ou seja, 7 e 8, com essas interpretações, não mostrariam diferenças relevantes em relação a 9 e 10. Porém, sendo que o auxiliar “ir” toma as mesmas formas que em 7 e 8, e em contextos do mesmo tipo (seguidos de infinitivo), há um processamento pragmático maior para lê-los como verbos plenos (e a explicação detalhada de processamento não cabe a este trabalho), o que sugere a diferença apontada entre 7 e 8, e 9 e 10. Mas considero esse teste insuficiente e, por isso, apresento outros na sequência.

⁶ Remeto, novamente, o leitor à nota 2, em que explico a não consideração da variação entre “iam” e “iriam” para o futuro do pretérito, adotando a forma do tipo “iam” apenas para o passado imperfeito e a forma do tipo “iriam” apenas para o futuro do pretérito. É claro que, na leitura de futuro do pretérito, sem a informação entre parênteses, 14 seria aceita, sendo sinônima de 12.

⁷ Sendo um verbo auxiliar, e, por isso inacusativo, podemos dizer que ele c-seleciona argumento, mas não, como dito, que ele s-seleciona algum argumento (não atribui papel). Estou simplificando o sentido de “selecionar”, considerando que verbo pleno seleciona argumentos e verbo auxiliar não os seleciona.

⁸ REICHENBACH, H. *Elements of Symbolic Logic*. Berkeley: University of California Press, 1947.

⁹ Não está sendo considerado o caso de interpretação de eventos repetidos, em que “Maria nadava” poderia, também, aceitar adjuntos como “das 3h às 4h”.

¹⁰ Cf. Medeiros (2008) para uma melhor abordagem do perfeito envolvendo o auxiliar “ter”.

¹¹ Klein (1994), no décimo capítulo de seu livro, aborda a relação entre os tipos de expressões adverbiais e os três parâmetros temporais de seu sistema. Por exemplo, na sentença “Na hora do almoço, João já tinha trabalhado por sete horas”, “na hora do almoço”, expressão adverbial de posição, está associada ao TT, e “por sete horas”, expressão adverbial de duração, ao TSit.

¹² Claro que há diferenças entre essas três sentenças, pelo menos em questão de registro, mas aqui é considerada apenas a marcação de tempo.

¹³ A child was born that will be king / A child was born that would be king.

¹⁴ Vale lembrar, aqui, que a questão apresentada não tem relação com subordinação, e sim com a ordem das orações. Ou seja, cada oração poderia estar em uma sentença diferente, como em “Nasceu o menino. Ele iria ser rei”, em que a determinação anafórica seria a mesma.

¹⁵ Martín (2008), analisando o espanhol, observa que “ir” também é utilizado como auxiliar nos dois futuros, abordando esses dois tempos também de uma maneira unificada. Porém, a autora observa que esse auxiliar, diferentemente do uso aqui analisado para o português, marca o aspecto prospectivo.

¹⁶ Raiz não é traço, e, a princípio, seria inserida posteriormente, pois não está relacionada com o sistema computacional da sintaxe.

¹⁷ Pode-se especular se uma sentença como “João vai comer agora” indica o aspecto prospectivo. Meu foco aqui não abarca a discussão sobre a existência de leitura prospectiva ou não nesse tipo de sentença. De todo o modo, caso haja, a análise feita não é comprometida, já que o princípio de um item de vocabulário ser subespecificado permitiria um agrupamento de traços diferente dos mostrados aqui, até com um traço relacionado ao prospectivo.

¹⁸ Conferir Medeiros, 2008.

¹⁹ TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia: EDUFU, 2006.

²⁰ CASTILHO, Ataliba T. de. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. 1968. 126 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, Marília São Paulo, 1968.

Referências

ALMEIDA, Christiane Miranda Butchers de. Futuro simples x ir + infinitivo: uma análise diacrônica do uso de formas verbais sintéticas e perifrásticas no português brasileiro. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 1.892-1.906, 2009.

FERREIRA, Núbia. *Auxiliares: uma subclasse dos verbos de reestruturação*. 2009. 193 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

GIORGI, Alessandra; PIANESI, Fabio. *Tense and aspect: from semantics to morphosyntax*. Oxford: Oxford University Press, 1997. Oxford Studies in Comparative Syntax.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, Kenneth; KEYSER, S. Jay. *The View from Building*. 20. ed. Cambridge: MIT Press, 1993.

IPPOLITO, Michela. On the Past Participle Morphology in Italian. *MIT Working Papers in Linguistics*, Cambridge, MA, v. 33, p. 111-137, 1999.

KLEIN, Wolfgang. *Time in language*. London: Routledge, 1994.

LAKA, Itziar. *Negation in syntax: on the nature of functional categories and projections*. 1990. 270 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Massachusetts Institute of Technology, Massachusetts, 1990.

MARANTZ, Alec. *“Cat” as a phrasal idiom: Consequences of late insertion in Distributed Morphology*. Manuscrito, 1996.

MARTÍN, Ana Bravo. *La perífrases “ir a + infinitivo” en el sistema temporal y aspectual del español*. 2007. 338 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2008.

MEDEIROS, Alessandro Boechat de. *Traços morfossintáticos e subespecificação morfológica na gramática do português: um estudo das formas participiais*. 2008. 315 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

MIOTO, Carlos. Tipos de negação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 34, jan./jun., p. 103-117, 1998.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. 2006. 254 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SCHMITT, Cristina. Cross-linguistic variation and the Present Perfect: the case of Portuguese. *ZAZ Papers in Linguistics*, v. 16, p. 68-99, 2000.

SOUZA, Paula da Costa. A perífrase ir + infinitivo: um contraste entre o português e o catalão. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 1.481-1.494, 2009.